

Professores/as da Educação Básica no cenário das aulas remotas e as relações entre democratização e desigualdade

Basic Education Teachers in the scenario of remote classes and the relationships between democratization and inequality

Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento^{1*}, Elizangela Fernandes Martins²
Cleia Maria Lima Azevedo³, Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha⁴, Antonio Alves Pereira⁵, Leysiane Gomes de Oliveira Silva⁶

RESUMO

Este trabalho é parte de uma pesquisa realizada no estado do Maranhão sobre democratização e desigualdade na educação vivenciadas na pandemia da Covid-19. Partiu-se da questão norteadora: Quais as subjetividades produzidas pelas narrativas dos/as professores/as da Educação Básica, quando falam de democratização e desigualdade nas aulas remotas na pandemia? Objetivo geral: analisar a produção de subjetividades de professores/as em vista das narrativas sobre democracia e desigualdade do acesso à internet e as mídias durante as aulas remotas. Realizou-se uma pesquisa (auto)biográfica, com entrevista semiestruturada utilizando o *Google Forms*, *Meet* e *WhatsApp*. Fundamentamo-nos em autores como: Certeau (1998); Martins (2020); Saviani (2017); Soares (2020); Liu *et al.* (2020); dentre outros. Os resultados da pesquisa apontaram que a produção de subjetividade do sujeito professor da Educação Básica, sua identidade e desenvolvimento profissional durante a pandemia, se inter-relacionam aos sentidos do estado de desvalorizado, desacreditado e desmotivado para conduzir as aulas remotas, ao narrarem sobre temas, como: metodologia, pandemia, ensino remoto, internet, tecnologias/mídias, conteúdos e o tempo.

Palavras-chave: Narrativas; Desigualdade; Subjetividade; Aulas Remotas; Covid-19.

ABSTRACT

This work is part of a research carried out in the state of Maranhão on democratization and inequality in education experienced in the Covid-19 pandemic. The starting point was the guiding question: What are the subjectivities produced by the narratives of Basic Education teachers, when they talk about democratization and inequality in remote classes in the pandemic? General objective: to analyze the production of subjectivities of teachers in view of the narratives about democracy and inequality of access to the internet and the media during remote classes. A (auto)biographical research was carried out, with a semi-structured interview using Google Forms, Meet and Whatsapp. We are based on authors such as: Certeau (1998); Martins (2020); Saviani (2017); Soares (2020); Liu et al. (2020); among others. The research results showed that the subjectivity production of the Basic Education teacher subject, his identity

¹ Universidade Estadual do Maranhão - UEMA/SEMECT

*E-mail: franclanecarvalhon@gmail.com

² Centro de Estudos Superiores de Caxias - CESC/UEMA/SEMECT

³ Universidade Estadual do Maranhão - UEMA/CESS

⁴ Centro de Estudos Superiores de Balsas - CESBA/UEMA

⁵ Secretaria Municipal de Educação - Pedro Segundo Piauí - PI

⁶ Secretaria Municipal de Educação - São Luís - MA

and professional development during the pandemic, are interrelated to the senses of the devalued, discredited and unmotivated state to conduct remote classes, when narrating about themes, such as: methodology, pandemic, remote teaching, internet, technologies/media, content and time.

Keywords: Narratives; Inequality; Subjectivity; Remote Classes; Covid-19.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma pesquisa (auto)biográfica realizada no Maranhão sobre democratização e desigualdade na Educação Básica com professores/as que narraram suas vivências, inquietações e angústias durante a pandemia da covid-19. Para tanto, delimitou-se como questão norteadora: Quais as subjetividades produzidas pelas narrativas dos/as professores/as da Educação Básica, quando falam de democratização e desigualdade durante as aulas remotas na pandemia? Teceu-se como objetivo geral: analisar a produção de subjetividades de professores/as, em vista das narrativas sobre democracia e desigualdade do acesso à internet e as mídias durante as aulas remotas.

O ensino remoto emergencial foi uma das opções dinamizadas para contornar a falta de aulas presenciais em escolas e universidades durante a pandemia da COVID-19. Destacamos que foi uma solução interessante para aproximar alunos e professores. No entanto, o uso de plataformas virtuais, tecnológicas/midiáticas e atividades escolares remotas infelizmente tem intensificado a desigualdade de acesso as Tecnologias de Informações e comunicações – TICs, o que pode aprofundar a disparidade social da educação no Brasil. Apresentamos um breve panorama sobre a educação remota no Ensino Fundamental, as ferramentas midiáticas e o acesso à internet no Brasil.

Entende-se que o ano de 2020 será impossível de ser esquecido. De acordo com Soares (2020) é um ano em que uma das maiores pandemias da história se alastra por quase todos os países do mundo. Percebemos então que fronteiras rígidas não existem para a natureza não humana. A covid-19 realçou ainda mais as mazelas do mundo capitalista, se consolidando negativamente nos contextos educacionais, sociais e políticos. Está sendo uma crise nunca vivida e desejada pelo ser humano.

Para produção dessa discussão realizou-se uma pesquisa (auto)biográfica, utilizando a técnica da entrevista semiestruturada através das ferramentas midiáticas do *Google Forms*, *Google Meet* e o *WhatsApp* (mensagens e chamadas). Fundamentamos em autores como: Certeau (1998); Costa e Alves (2018); Scoz (2008); Saviani (2017); Soares (2020); Liu *et al.* (2020); dentre outros. Os resultados da pesquisa apontaram que

a produção de subjetividade na constituição do sujeito professor da Educação Básica, sua identidade e o desenvolvimento profissional durante a pandemia da covid-19, se inter-relacionam aos sentidos do estado de desvalorização, desacreditado e desmotivado para conduzir as aulas remotas, ao narrarem sobre os temas: metodologia, pandemia, ensino remoto, internet, tecnologias/mídias e quantidade de conteúdo e o tempo.

Etimologicamente de acordo com Ferreira (2016) democracia significa um sistema de governo em que o poder é exercido efetivamente pelo povo. Processo político em que seus dirigentes são escolhidos através de eleições populares e diretas. Democracia se baseia na concepção de liberdade e de soberania popular. Dessa forma, no Brasil ainda não vivemos em uma democracia, visto que estamos em meio a desigualdades sociais, educacionais e econômicas. Trata-se de um sistema político-econômico que aumenta os privilégios de uma pequena parcela da sociedade. E durante a pandemia esse distanciamento social e educacional ainda se firma de forma mais consistente, pois uma parcela da sociedade não possui os recursos tecnológicos necessários para um atendimento educacional remoto democrático.

Assim, a democracia se configura como um regime político em que o soberano não é mais o rei, um monarca, mas o próprio povo que passa a deter a prerrogativa de escolher os governantes. Entretanto, para exercer a soberania, para se tornar governante, ou para ser capaz de escolher e controlar quem governa, os membros da população precisam de uma educação democrática que lhes garantam acesso, permanência e aprendizagem de forma crítica. A escola historicamente surge, como uma instituição de construção da ordem democrática vigente, difundindo-se a percepção da “escola redentora da humanidade” cuja ideia desencadeia-se a campanha pela escola pública, universal, obrigatória, democrática, igualitária, gratuita e laica viabilizada, ou seja, uma escola para todos. (SAVIANI, 2017).

Os ideais neoliberais sobre a educação são elitistas e conservadores. O que aumenta as desigualdades sociais e o triunfo dos mais fortes, neste caso a “elite” detentora dos meios e das formas de produção, Saviani (2017). No contexto da pandemia desigualdades se consolidam, legitimando o poder dos administradores, tecnocratas, burocratas que controlam os recursos materiais (manuais escolares) e financeiros.

Desta forma, conforme Liu *et al.* (2020), em dezembro de 2019 uma nova e contagiosa pneumonia atípica (viral) eclodiu em Wuhan, na China, sendo em seguida identificado o agente etiológico como um coronavírus zoonótico, semelhante ao SARS

coronavírus (que causa síndrome respiratória aguda grave) e ao MERS coronavirus (síndrome respiratória do Oriente Médio), denominado Coronavírus SARS-CoV-2, - causador da covid-19 (doença do Coronavírus 2019); sendo que em 8 de fevereiro de 2020, já existiam 33.738 (trinta e três mil, setessentos e trinta e oito) casos confirmados e 811 (oitocentas e onze) mortes na China.

De acordo com dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020a) até o final da Semana Epidemiológica (SE) 44 de 2020, no dia 31 de outubro, foram confirmados 45.717.764 casos de covid-19 no mundo. No Brasil, tinham sido oficializados 5.535.605 casos e 159.884 óbitos por covid-19, o coeficiente de incidência bruto no mundo ao final da SE 44 foi de 5.865,163 casos para 1 milhão de habitantes. Revelando-se um importante caso de Saúde Pública, exigindo uma dedicação dos três poderes, dos gestores, serviços de saúde, profissionais de saúde, e dos professores(as) que permanecem muito tempo planejando, organizando e trabalhando o conteúdo junto a utilização das mídias.

Para tanto, a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2020; OPAS, 2020), propõe medidas de saúde pública e sociais, entendidas como ações de indivíduos, instituições, comunidades e governos e organismos internacionais, para retardar/impedir a disseminação da covid-19 em âmbito nacional. Tais medidas incluem isolamento de casos, rastreamento de contatos e quarentena, medidas de distanciamento social e físico, limitação de viagens, distribuição de vacinas e tratamentos. Assim como a introdução de trabalho flexível, arranjos como teletrabalho, ensino à distância e remoto, redução e prevenção de aglomeração, fechamento de instalações e proteção para grupos vulneráveis, reorganização das redes de assistência à saúde e a conexão social, e ainda proteção da renda e garantia de suprimento de alimentos.

Neste contexto, aumentam as dificuldades vivenciadas por professores(as) em meio à pandemia, relacionadas ao trabalho remoto e às dimensões pessoais, anseios de como ficará a sua situação psicossocial e econômica durante e após a pandemia, situações conflituosas que vêm sendo vivenciadas e, por este motivo, geraram narrativas (auto)biográficas que merecem ser explanadas, já que resgatam a subjetividade do sujeito, permitindo o conhecimento de si, da formação e do desenvolvimento profissional que possam ser redirecionadas à luz da produção de outras políticas e dispositivos metodológicos acerca do ensino e aprendizagem, a partir do que revelam e produzem.

Desta forma, trabalhar com narrativas (auto)biográficas não é recolher falas, discursos ou condutas em contextos narrativos diversos, mas sim, participar na elaboração

do que Goodson (2019) vai chamar de uma “aprendizagem narrativa” que se dá na construção de uma história narrativa de vida, aludindo a uma memória para ser construída, transmitida e transformada a partir da demanda, não apenas de um(a) investigador(a), mas, sobretudo, por parte dos sujeitos que experienciam o processo. O movimento de reconhecimento e reconstrução precisa acontecer, pois a vivência ao ser socialmente partilhada transforma-se em consciência por parte daqueles que participam.

As considerações sobre subjetividade trazidas aqui, oferecem pressupostos para entender que a voz analisada dos professores, através de narrativas, traz um intercâmbio social entre o professor e sua representação da realidade. Nessa perspectiva, coloca-se o homem relacionando a sua forma de dialogar com o trabalho e com meio de produção em que está inserido, apropriando das interações “vivas com as vozes sociais”. No discurso das professoras estão presentes diferentes olhares, diferentes falares, oferecendo uma dinâmica viva do discurso e uma heterogeneidade que permite diferentes possibilidades.

A produção dos signos acontece no campo social por meio do caráter discursivo que permeia as relações humanas, que carrega diversas vozes dos seus interlocutores e permite diversos olhares dos contextos sociais. Essa afirmação contribui para a compreensão da ideia de que a subjetividade carrega diferentes interferências do outro.

É possível entender, portanto, que as relações com o mundo se materializam pela mediação com os signos constituídos socialmente pelas relações dos homens em diferentes contextos nos quais as vozes sociais se apresentam. A subjetividade constitui o meio da internalização dos signos nos quais os homens se apoiam para interpretar o mundo e a sua forma de atuar. Nesse território do encontro das palavras, o professor vai se constituindo socialmente, carregado de vozes que complementam, divergem e convergem, formando outros diálogos e outras formas de conceber o mundo, de compreender como estão compreendendo o trabalho pedagógico dentro de um contexto dialogal carregado de característica próprio de um tempo pandêmico.

Neste contexto, conversamos com Silva e Passeggi (2018), ao afirmar que a pesquisa (auto)biográfica concilia os espaços de saúde e educação, no caso, abordando crianças e adolescentes no período escolar em meio ao adoecimento crônico. As narrativas indicaram que em uma situação na qual quase tudo está relacionado à busca da saúde, estudar pode se apresentar como promotor do bem-estar e desencadeador de emoções positivas e ainda constataram que a escolarização no contexto hospitalar deve

ser considerada como política pública, na busca pela universalização e democratização da educação, inclusive em situação de adoecimento.

O Ministério da Educação, efetiva o parecer CNE/CP nº 5 (BRASIL, 2020) do Conselho Pleno, Processo: n. 23001.000334/2020-21, que trata da Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da covid-19.

O Ato do Congresso Nacional nº 42, (BRASIL, 2020), define em 27/05/2020 a prorrogação do período letivo de início das aulas: cumprindo o que dispõe o § 1º do art. 10 da Resolução nº 1, de 2002-CN, nos termos do § 7º do art. 62 da Constituição Federal, com a redação dada pela Emenda Constitucional nº 32, de 2001, a Medida Provisória nº 934, de 1º de abril (BRASIL, 2020), Edição Extra, no Diário Oficial da União no mesmo dia, mês e ano, e "Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979 de 6/02 (BRASIL, 2020)".

Nesta perspectiva, buscamos compreender a produção da subjetividade dos/as professores(as) durante o trabalho remoto em meio à crise da pandemia, por entender que a subjetividade é historicamente produzida e ainda que o trabalho é condição da essência humana. Desse modo, o ser homem, o ser professor, tem sua constituição no social, não podendo ser compreendido fora deste contexto (SAVIANI, 2017). O período pandêmico tem afetado a saúde, a economia, a política e a educação, o que tem intensificado o distanciamento entre as pessoas e dificultado as condições de vida da população e de trabalho dos profissionais que precisam estar na ativa como o professor(a), constituindo numa nova forma de estar, sentir e agir que pode afetar diretamente a subjetividade.

Precisamos entender as narrativas (auto)biográficas dos/as professores/as, o que os/as afetam pela ausência com o cotidiano escolar, seus alunos/as e outros sujeitos que fazem parte da instituição, e mostram-se preocupados/as, ansiosos/as e frustrados/as por não conseguirem obter êxito no ensino remoto, já que as desigualdades de acesso pelos alunos às ferramentas tecnológicas/midiáticas na pandemia da covid-19 são crescentes.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Tratou-se de um estudo (auto)biográfico por meio de narrativas descritivas, com abordagem qualitativa, para investigar a subjetividade de professores(as) da Educação

Básica durante a pandemia da covid-19. Seguimos a técnica da entrevista semiestruturada utilizando as ferramentas do *Google Forms*, *Google Meet* e *WhatsApp*. Para Delory-Momberger (2012) a pesquisa (auto)biográfica aborda os processos de origem e de devir dos indivíduos no seio do espaço social e mostra como dão forma às suas experiências, às situações e aos acontecimentos de sua existência utilizando diversas fontes, como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos e outras.

A narrativa é uma maneira de compreender a experiência humana por meio das histórias (re)vividas e (re)contadas em um processo no qual participante(s) e pesquisador(es) interagem, sendo que este último interpreta os textos e, a partir deles, cria uma nova redação. Os dados obtidos na investigação podem ser coletados de forma oral e/ou escrita, cabendo ao pesquisador decidir qual se adéqua ao seu estudo (CL ANDININ; CONNELLY, 2011).

A investigação descritiva tem por finalidade analisar características de determinado fenômeno ou população, bem como esclarecer as correlações existentes (SEVERINO, 2014). A abordagem qualitativa tem como princípio o fato de que os investigadores tomam em consideração as experiências do ponto de vista de quem lhe presta informação, o processo de investigação reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os sujeitos.

Esta pesquisa foi desenvolvida no Maranhão com 27 professores(as) que trabalham na Educação Básica, os/as quais compõem o quadro das escolas públicas e privadas e que estão atuando de modo remoto durante a pandemia da covid-19. A técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada utilizando como fonte a narrativa (auto)biográfica. Para Severino (2014) entrevista é utilizada na consecução de informações sobre determinado assunto, onde o pesquisador interage com o(a) pesquisado(a) visando analisar tudo sobre o ponto de vista do mesmo. Contactamos os professores(as), por meio do: Facebook, Instagram e WhatsApp.

O período de produção de dados foi entre os meses de julho a dezembro de 2020. Os dados coletados, foram submetidos à Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011), pela compreensão do significado das falas dos sujeitos para além daquilo que é descrito. Na análise de conteúdo utilizamos também as narrativas (auto)biográficas, segundo Boaventura de Sousa Santos (2006), tratando do cotidiano como (re)invenção de narrativas, e Michel de Certeau, (1998) que estuda as práticas cotidianas nas artes de saber, fazer e dizer narrativas.

NARRATIVAS E SUBJETIVIDADES DE PROFESSORES/AS

A educação já estava em meio ao processo de precarização do trabalho docente e a pandemia vem apontando para o aprofundamento de duas tendências do projeto neoliberal brasileiro: a ampliação da educação à distância e o modo remoto (em todos os níveis) e a militarização das escolas. Mesmo estando fundamentadas em técnicas distintas, a primeira recai na flexibilização do ensino e sua aparência de desordem, e a segunda se concentra na rigidez do ambiente escolar, ou seja, na aparente ordem absoluta para o filho do trabalhador. Isso atende a dois objetivos comuns: a ultra centralização da educação e o controle sobre os corpos e mentes dos trabalhadores. (SOARES, 2020).

Observando estas diretrizes supracitadas, realizamos a pesquisa com 27 (vinte e sete) professores que atuam na Educação Básica, neste artigo socializaremos as narrativas de 05 (cinco) partícipes por conta da forma do documento e por acreditar, que esta não é a quantidade que determina a representatividade das expressões e sim a realidade social em que são produzidas. As narrativas contemplam o pensar, agir e sentir dos professores durante a pandemia da covid-19, estas são constituídas em meio a mesma realidade e contam com condições objetivas semelhantes que são representativas de uma totalidade.

Buscamos caracterizar os interlocutores quanto a Idade: 08 professores entre 27 a 36 anos, 09 docentes de 37 a 46 anos e 10 professores 47 a 57; gênero: masculino 06 e feminino 21; vínculo profissional: 08 professores trabalham em escolas particulares e 19 em públicas; a formação inicial: Pedagogia 10; Matemática 03; Letras 05; Geografia 04; História 05; formação continuada: Pós-Graduação *lato sensu* 24 e *stricto sensu* 03 (mestrado); renda familiar: varia de R\$ 1.200,00 à R\$ 6.000,00, e tempo de atuação profissional na Educação Básica varia de 01 a 28 anos.

Questionamos aos professores como se sentem atuando profissionalmente de modo remoto em plena pandemia da covid-19. As narrativas mostram a necessidade de refletir sobre o atual contexto educacional e as aulas remotas. Ao trabalho docente é agregado novas complexidades que refletem os velhos problemas estruturais da educação pública brasileira. Ao narrar sobre sua atividade, o Professor 8 enfatiza que sua vida e privacidade foram invadidas, que a jornada de trabalho foi ampliada, e afirma “[...] **o trabalho remoto que também é chamado de "Novo normal" se confunde com a vida pessoal do professor**”. O “novo normal” como denominou o Professor 8 provoca angustias antes não vividas. Sobre as angustias e o sentimento de impotência, o/a Professor/a 16 expressa que no

ensino remoto as crianças não conseguem aprender como no ensino presencial e afirma que “[...] **as dificuldades aumentam consideravelmente**”.

As narrativas são fortes e relevam sentimentos como opressão, insatisfação, impotência e solidão. **O/a Professor/a 20** relata o quanto torna-se desafiador o trabalho docente em tempos de pandemia e que a realidade social e econômica de certa forma os obriga a seguir essa jornada rumo ao desconhecido. Podemos entender os sentimentos de insatisfação quando narra: “[...] **por não ter força sozinha de lutar e carecer dos rendimentos mensais para prover as necessidades da família, conivente com um sistema falho, opressor e excludente.**” As preocupações ultrapassam o campo pessoal, os professores preocupam-se consigo, com os alunos e com a realidade social. Neste misto de sentimentos, como revela o Professor 23, também tem espaço para uma análise dos problemas enfrentados e superados como ele mesmo afirma: “[...] **também há um sentimento de superação e de satisfação, pois consegui me reinventar e retomar com o processo de ensino aprendizagem.**”

Os interlocutores da pesquisa em suas narrativas, nos convidam a fazer uma análise crítica das políticas públicas, do processo formativo, para entendermos os ideais do capital e a implementação de aulas remotas. **O professor 24** fala das dificuldades e da falta de investimentos dos governantes, “[...] **não nos foram dadas as condições formativas e de infraestrutura (aquisição de equipamentos e serviços) básicas para a realização do trabalho**”. Não há políticas públicas educacionais voltadas para amenizar as condições socioeconômicas dos filhos dos trabalhadores das escolas públicas, tendo em vista que eles não dispõem, em sua maioria, de suporte tecnológico para o acompanhamento pedagógico e acesso aos recursos midiáticos.

O contexto de dificuldade torna-se ainda mais complexo, tendo em vista que os próprios docentes não dispõem das condições necessárias ao trabalho remoto. Identificamos que dos entrevistados, 08 professores, em agosto de 2020, não tinham acesso à internet em casa e possuíam apenas um celular que já estava sendo utilizado por outra pessoa do grupo familiar. Quanto ao processo de angústias e insegurança podemos ressaltar a situação dos professores da rede particular de ensino que foram e ainda são ameaçados de cortes e/ou rebaixamentos de salários, que são indispensáveis para sua sobrevivência.

A realidade posta pela pandemia e tão desconhecida pela humanidade, produz sentimento de insegurança. Quando buscamos entender a subjetividade como constituída nas relações sociais, com o outro e consigo mesmo, podemos perceber o porquê das dificuldades de enfrentamento, de entendimento e de vivência do professor nesse momento pandêmico,

tratar-se de um desafio nunca vivido. A subjetividade se constitui no vivido, no social, tudo no ser humano depende do cultural, sua compreensão de mundo e das relações e inter-relações provém da vida cultural (SAVIANI, 2017). Lembremos da posição de Scoz (2008), de que devemos levar em consideração o pensamento e as emoções na produção de sentidos subjetivos, o que remete também à relação entre a consciência e o inconsciente presente na construção da subjetividade.

Acreditamos que temos que aprender a conduzir as aulas remotas durante a pandemia, em vista de novos saberes e fazeres. Segundo Santos (2006), as práticas de conhecimentos construídos por processos cognitivos diferenciados, podem gerar experiências sociais alternativas de resistência e emancipação social. Quando se trabalha com grupos sociais marginalizados, vítimas do sofrimento e da opressão das operações de globalização, o conhecimento ultrapassa o conformismo que reduz a realidade a processos de conciliação. Sendo necessário um percurso de investigação que parta da inclusão dos saberes dos atores locais com vistas a produzir narrativas biográficas a partir da interação entre investigador e investigado. (SANTOS E MENESES, 2009).

Percebemos que mesmo os professores estando passando por situações bem complexas no desenvolvimento profissional, tentam produzir novos saberes, em consonância com uma democracia cognitiva, a qual não apenas valoriza alguns saberes e os destina a apenas algumas parcelas da sociedade evidenciando a desigualdade da educação, mas, ao contrário, entrecruza-se com os saberes existentes em diversos contextos e permite ser acessível a todos.

É um desejo dos professores que mesmo na pandemia haja formação continuada, em vista da produção de novos saberes e fazeres remotos, que possam ajudar a amenizar as desigualdades aos recursos midiáticos e as formas de opressão, hegemonia e ideologia dominantes. “A restituição de uma democracia cognitiva urge, nesses tempos de incertezas e profundas modificações na sociedade em todas as escalas, territórios e com diferentes proporções.” (MORAIS e NASCIMENTO, 2016, p. 475).

Pedimos aos professores que narrassem sobre suas perspectivas pessoais e profissional como professor(a) pós-pandemia. Especificaremos algumas narrativas:

Os professores narraram sobre a necessidade de serem mais valorizados e que os governantes possam investir mais na educação como expressa o professor 1, **“Penso que essas duas coisas: valorização profissional e uma escola estruturada, transformará a sociedade. E me realizarei enquanto pessoa e enquanto profissional”**. A expectativa quanto a valorização do professor se faz presente na

narrativa do professor 6 que afirma “[...] **que o professor como agente transformador das pessoas na sociedade, seja mais valorizado e respeitado**”. Segundo Nascimento, Morais e Magalhães (2021) as angústias vividas pelos professores sustentam a produção de pensamentos críticos quanto a educação que expõe a desigualdade e relevam a distância da perspectiva democrática, tão defendida nos documentos oficiais brasileiros.

As expectativas criadas pelos professores se referem às questões pedagógicas como aponta o professor 22 **“A tendência é que a tecnologia se incorpore na rotina de ensino de diversas formas. A metodologia ativa também será reforçada”**. A narrativa revela a preocupação quanto a uma possível transformação do ensino presencial em um ensino híbrido ou mesmo à distância, que pode acelerar a precarização do ensino e a desvalorização do professor. As reflexões recaem sobre um território de incertezas quanto ao futuro e a profissão. O professor 24 reflete e se questiona **“Ser professor no Pós-Pandemia, é reconfigurar novos estilos da minha prática pedagógica de modo que esta se adeque à nova forma de trabalho da escola e seu currículo?”**

A preocupação do professor sinaliza para a mercantilização da educação brasileira. Infelizmente o capital vinculado à educação, ajuda a manter uma grande parcela dos ricos mais ricos no Brasil. O mercado se mostra eficiente para organizar o consumo dos bens e dos serviços educativos, para criar benefícios nas sociedades que lhe dão livre curso, sem nenhuma regulação, são por definição desiguais e não democráticas (AKKARI, 2001). Infelizmente a desvalorização profissional do professor tende a aumentar neste momento de pandemia da covid-19.

Subjetividade neste trabalho é entendida como o espaço produzido socialmente, um processo de apropriação do vivido que tem nas funções psicológicas superiores como o raciocínio lógico, o pensamento abstrato e a capacidade de planejamento, condições necessárias à constituição do ser humano como único e singular. O indivíduo só pode torna-se humano quando incorpora à sua subjetividade formas de comportamento e ideias produzidas pela humanidade e que são retrabalhadas pelas gerações que ele convive.

As narrativas sobre as vivências das aulas remotas durante a pandemia da covid-19, ajudaram no entendimento da produção de crenças e valores compartilhados/as entre os pares e a sociedade e são reveladoras das incertezas quanto o anteriormente vivido e o futuro. O fato de estarmos vivendo o novo, sem as condições de superação do velho, nos deixa em desequilíbrio quanto as formas de pensar, agir e sentir o mundo. As gerações anteriores não repassaram a esta as formas de enfrentar a realidade da covid-19, daí nos

assustarmos, não sabermos que posição tomar em frente ao incerto. De acordo com Scoz (2008) a subjetividade é vista como um sistema complexo e dinâmico em que vários elementos entram em contradição, gerando um caminho de tensões múltiplas dentro do qual um elemento nunca se reduz a outro.

Os professores/as narram sobre o sistema educativo brasileiro que não deve ser regido por competições “meritocráticas”, pois a desigualdade social só aumenta. É visível que existe um monopólio exercido pelas escolas particulares sobre a qualidade em detrimento das escolas públicas em que o governo nem sempre aplica os recursos necessários para um projeto pedagógico que ajude no desenvolvimento intelectual dos sujeitos mais pobres. Para Brandt; Nascimento; Vanzuita (2021) as práticas pedagógicas remotas que estão sendo desenvolvidas durante a pandemia não são democráticas e nem trazem mudanças estruturais positivas para a classe trabalhadora e para o professor.

Nesta pesquisa passamos a compreender os/as professores/as em sua trajetória, suas experiências, aprendizagens e formação no contexto social das instituições e em diferentes setores da vida (COSTA; ALVES, 2018). Cada narrativa autobiográfica adquiriu sentido a partir do lugar que ocupou no enredo, e essa sucessão de ideias dependeu da intencionalidade do narrador, com quem o escuta ou o lê, o que pode promover mudanças e transformações em todos os envolvidos (PASSEGGI et al., 2018).

Percebemos a produção da subjetividade oriundas das vivências destes professores/as em um momento atípico de suas vidas profissionais e pessoais e, entendemos as dificuldades emanadas da atuação desses trabalhadores que demonstram o avanço da falta de democratização e o aumento da desigualdade social e educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as narrativas, os/as professores/as produzem sua subjetividade no contexto social marcado pela incerteza do novo e carregados de medos, anseios e dúvidas sobre o futuro e o desenvolvimento profissional docente. Demonstram dificuldades em conciliar as atividades da escola, de casa e as orientações dos estudos dos filhos. Os mesmos se sentem desafiados a encontrar estratégias para cumprir ao menos o currículo básico, e conseguir que tenham alguma aprendizagem.

Mesmo com o avanço das Tecnologias de Informações e comunicação - TICs, a democratização das mesmas ainda não foi universalizada, por ser ainda de alto custo

monetário para a classe menos favorecida, muitos pais e estudantes não dispõem de um celular smartphone, computador e Internet. Portanto, a desigualdade social precisa ser eliminada ou diminuída em vista de um processo mais democrático.

Como as responsabilidades estão centradas nos professores que são os responsabilizados pelas atividades pedagógicas e o ensino dos alunos. Assim, as emoções se misturam e se aliam ao sofrimento, o professor é cobrado a cumprir horário, elaborar aulas e ainda responsabilizado pela pouca ou nenhuma participação de alunos. O professor está sendo sacrificado socialmente e profissionalmente.

Neste momento de pandemia a sociedade está percebendo o quão o professor é importante na vida dos seus filhos. É preciso entender que os professores da Educação Básica não possuem formação em ensino remoto e não dispõem de equipamentos para atuarem de modo mais significativo. Os professores estão lidando com situações mais complexas, o que exige empatia e organização didático pedagógica.

Tais pressupostos são próprios da subjetividade que não se separa do contexto pessoal, social e da forma como os interlocutores, professores, trabalham os seus discursos conforme os seus interesses são entender a importância de considerar o contexto nas ações pedagógicas. A ação docente perpassa por interface de sentidos, cuja natureza é relacionada à forma como este dialogou com os professores atuantes nesse contexto.

Os partícipes da pesquisa expressam em suas narrativas, o desejo de voltar à sala de aula o mais rápido, pois estão psicologicamente abalados, sem contato físico e pessoal com os alunos, professores, colegas e seus familiares. Estão sofrendo as consequências da covid-19, da política partidária e da crise financeira. Sendo oportuno estabelecer diálogos entre professores, gestores, alunos, familiares e as secretarias de educação. Portanto, esse trabalho torna-se um espaço de constituir diálogos que direcionem a novos estudos e atuações frente ao contexto educacional a partir da realidade enfrentada em 2020 e 2021 pela pandemia da covid-19, permitindo que outros pesquisadores se unam para compartilhar e produzir novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

AKKARI, A. J. Desigualdades educativas estruturais no Brasil: entre estado, privatização e descentralização. **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, Abril/2001.
Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a10v2274.pdf>. Acesso: 02/10/2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Ed. 70, 2011.

BRANDT, A. G.; NASCIMENTO, F. S. C. do; VANZUITA, A. Formação e desenvolvimento profissional de professores em tempos da pandemia de Covid-19: falácia ou necessidade impelida? **Revista Cocar**. V.15 N.33/2021 p.1-22 ISSN: 2237-0315. Disponível: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4308>. Acesso: 23/03/2022.

BRASIL. Congresso Nacional. **Ato do Presidente da Mesa do Congresso Nacional Nº 42, de 27 de maio de 2020**. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/ato-do-presidente-da-mesa-do-congresso-nacional-n-42-de-2020-258914904>. Acesso: 02/10/2020.

_____. Ministério da Saúde. **Coronavírus (COVID-19) – Sobre a doença**. [s.l.:s.n.], 2020b. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2020/novembro/13/boletimepidemiologico_covid_38_final_compressed.pdf/. Acesso: 28/01/2022.

_____. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus – COVID-19**. [s.l.:s.n.], 2020a. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 02/10/2021.

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466/2012. Diretrizes e Normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>. Acesso em 03/02/2022.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano-artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CLANDININ, D. J.; CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COSTA, C. L.; ALVES, C. A. Vencer silêncios e aprender em companhia. In: PASSEGGI, M. C. et al. (org.). **Pesquisa auto (biográfica) em educação** [recurso eletrônico]: infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares. Natal, RN: EDUFRN, 2018. p. 531-552.

DELORY-MOMBGERGER, C. Abordagens metodológicas na a pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v.17, n.51, p. 523-536, set/dez, 2012.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2016.

GOODSON, Ivor F. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. Tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

LIU, Y. et al. The reproductive number of COVID-19 is higher compared to SARS coronavirus. **Journal of Travel Medicine**, v. 27, n 2, p.1-4, mar, 2020. Disponível : <https://academic.oup.com/jtm/article/27/2/taaa021/5735319>. Acesso: 14/02/2022.

MORAIS, J. de S.; NASCIMENTO, F. S. C. do. Da necessidade de uma democracia cognitiva no processo de formação de professores. **Poiésis**, Tubarão. v.10, n.18, p. 464- 476, Jun/Dez 2016. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/index>. Acesso: 28/05/2020.

NASCIMENTO, F. S. C. do; MORAIS, J. de S.; MAGALHÃES, N. R. S. Políticas públicas para a formação de professores: reflexos no desenvolvimento profissional na Educação Básica. **Comunicações Piracicaba** | v. 28 | n. 2 | p. 201-227 | maio-ago. 2021 DOI: <http://dx.doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v28n2p201-227>. Disponível: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/41704171-24455-3-PB%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/41704171-24455-3-PB%20(5).pdf). Acesso: 25/03/2022.

OPAS. **Organização Pan Americana de Saúde – Brasil**. Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). [s.l.:s.n], atual.13 maio 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 14 maio 2020.

PASSEGGI, M. et al. Desafios epistemológicos da pesquisa (auto)biográfica com crianças. In: PASSEGGI, M. C. et al. (org.). **Pesquisa auto (biográfica) em educação: infâncias e adolescências em espaços escolares e não-escolares**. Natal, RN: EDUFRN, 2018. p. 45-72.

SANTOS, B. S. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

SAVIANI, D. Democracia, educação e emancipação humana: desafios do atual momento brasileiro. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 21, Número 3, Setembro/Dezembro de 2017: 653-662. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v21n3/2175-3539-pee-21-03-653.pdf>. Acessado em: 22 de outubro de 2020.

SCOZ, B. J. L. Subjetividade de professoras/es: sentidos do aprender e do ensinar. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 26, 1º sem. de 2008, pp. 5-27

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, A. G.; PASSEGGI, M. C. Narrativas autobiográficas da escolarização no contexto hospitalar como promotora do bem-estar. In: PASSEGGI, M. C. et al. (Org.) **Pesquisa (auto) biográfica em educação: infâncias e adolescências em espaços escolares e não escolares**. Natal, RN: EDUFRN, 2018. p. 449-466.

SOARES, S. B. V. Coronavírus e a modernização conservadora da educação. In: SOARES, S. B. V. et al. **Coronavirus, educação e a luta de classes no Brasil**. Brasil: Editora Terra Sem Amos, 2020. v. 1, cap. 1, p. 5-14.

WHO. World Health Organization. **Coronavirus disease 2019 (COVID-19): Situation Report**. [s.l.:s.n], 2020. Disponível: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331685/nCoVsitrep01Apr2020-eng.pdf>. Acesso: 12/02/2022.

Recebido em: 28/02/2022

Aprovado em: 25/03/2022

Publicado em: 30/03/2022